

VISÃO DO ÚLTIMO TREM SUBINDO AO CÉU

Visão do último trem subindo ao céu
Tocando um sino de despedidas
– Saindo vai da última estação –
Através da noite vai. . . da noite iluminada
Pela luz do casario; vai, do povoado,
Passando ao longo dos quintais.

Pelas janelas do trem os passageiros
Espiam os afazeres das pessoas
 Que moram nas casas
 Que ficam à margem da linha;
E vêem, com o sentido da vista-vida
Com o sentido de ver-viver,
Toda a família reunida no quarto dos santos
– Recinto animado de sombras pela luz da lamparina,
Diante do oratório: sombras das imagens
De São Roque, São João Batista e São Jerônimo.
 – Todos estão reunidos para rezar –
Por aqueles que se encontram no exílio do mundo.

E também a família sentada em torno da mesa
Da sala de jantar.
Em redor de um candeeiro com abajur de porcelana,
Diante do relógio da parede – { Rosto sério, macilento
 Tempo lento, sonolento
 Todos estão sentados para cear –
Para distribuir o pão, o último daquele dia.
Todos, todos, todos de todos, todos de muitos
Se preparam para a travessia,
Para a viagem do sono > através < do sono
 da noite > < da noite

Um homem passa, examinando as portas e as janelas
– Na palmatória que traz na mão luz uma vela –
Examina ferrolhos, fechaduras e cadeados,
Contra alguém que poderá/poderia vir.
Contra alguém de coração fechado.

Um piano emudece, as moças param de dançar;
Dois namorados se beijam e se despedem
Junto à cerca do jardim.

O trem noturno passa,
Último trem subindo ao céu.

As luzes do casario, aos poucos se apagaram.
Somente no alto de um sótão brilha uma lâmpada;
E, através da janela, se vê um jovem estudante,
– Cabelos despenteados, caídos sobre a testa;
Está lendo: estuda um teorema de geometria.

O trem noturno passa.

II

As locomotivas na rotunda
Olhavam para a noite do pátio da noite, imóveis, silenciosas
– Molossos deitados, dóceis, esperando: os olhos apagados
[os faróis.

Qual seria, seria, qual dentre elas
A que conduziria aquele trem, aquele que era o trem
E o último seria?
Qual delas ouviria a voz do Senhor?

Quando houve um trilo no ar: uma luz brilhou
No ar noturno – carvão do dia –
E uma dentre todas sentiu, de repente,
O alento do calor;
Alento que se estendeu do fogo,
E que lhe veio em sangue ardente,
Em respiração rumorosa de brancos vapores.

Uma dentre elas
Que era preta, violentamente, luzidia;
Que era preta, vagarosamente preta;
Preta e lentamente e luzidia;
Avançando, transpôs o virador;
E foi!
Foi um touro selvagem a princípio
Depois se fez um boi pesado e manso
Correndo as linhas de trilhos: as fitas, os fios, os trilhos de linha.

À sua aproximação as agulhas se abriram –
Porteiras de um curral – furos do espaço, aberturas
Para distâncias possíveis. . . aberturas, costuras
De rápidas passagens em direções ocultas.
Pouco e pouco, mais pouco, pouco a pouco
Ao trem se atrela, ao trem ligando o engate, os freios
Ajustando. . . ao trem disposto ao longo
Da plataforma – platimorfa, platibanda, alegrete
Canteiro cultivado – florido de gente.

E logo e depois, justo depois ficou imóvel
À espera, no ante-ritmo da espera
No anseio da esperaesperança:
Harmônicos da espera (intervalo! Vocalises do intervalo).

Prontos estão os que vão partir/viajar.
Os que vão – flor – subir/perder-se.
Os que vão – flor – florir, murchar.

Homens, mulheres e meninos.
Todos meninos, todos que no mundo brincaram
Bem próximos de mim;
Todos, sempre o de sempre, sempre o de ainda
Tudo tão o mesmo, tudo tão igual
tudo-tão tudo
tudo tal e qual.

Os meninos suas bolas de gude
seus barcos de papel
suas espadas de flandre
seus revólveres de lata
Seus cadernos cheios de histórias em quadrinhos

As mulheres seus colares de miçangas
suas pulseiras de vidro
seus brincos de ouro
seus enfeites de rendas
Seus chapéus adornados de cerejas e passarinhos.

Os homens seus relógios-pulseira
suas calças de vincos
seus anéis de noivado
seus fraques-solenidades
Suas carteiras de dinheiro, seus corretos colarinhos.

(Todos meninos)

Já estão nos seus lugares. E a noite se ^{fez}/_{faz} completa

O trem vai partir, se identificar na fuga.

Passar, Partir! Passar?

Levando o seu jardim ao longo dos jardins

Dos quintais no povoado,

Ao longo das janelas iluminadas do casario.

O trem vai partir

Para alcançar, conhecer o mistério do céu.

IV

Há muito que o trem vai longe das últimas cidades:

Segue em campos de sombra, no mês das frondes e das flores

Entre norte e rumo, entre sol e azul, entre tempo e abril.

o ar < suspenso > agita um grande < vento > branco

Entre abertos e névoas, entre profundo e serras

O sol resvala, reslumbra, afina, afunda, aferra. . .

Enche e preenche depressões, ravinas;

O sol nascente insinua (nua-se) glissando nos vales, nas árvores,

[nos rios.

Enxuga o suor noturno da força verde, da faina das folhas novas.

À medida que o trem se despede, se desliga do mundo,

Vertiginosamente subindo a derradeira rampa.

Envolto em bruma escura, em brancos vapores seus.

Nuvens pastam nos ares, há balidos na atmosfera.

De rebanhos? De nuvens. Velados velames de lã se estiram,

[estremecem.

Os viajantes do trem olham, do alto, as \grave{a} alterações?
Que os homens introduziram no que há de cósmico e permanente
Na natureza das coisas da Terra:

– Tão tristes, tão pobres, tão medíocres que logo são absorvidas
[pelo planeta.

Olham para as cidades, as estradas, os viadutos, os canais,
Que se fazem e se refazem através dos séculos.

Olham para os homens cheios de orgulho e de glória
Os rostos voltados para o alto, para as estrelas longínquas;
– E assim ficam até que a terra, a sequiosa terra,
De novo lhes toma e lhes vem beber os olhos. . .

Onde estão os mortos? pensam os passageiros do trem,
Se a morte é vivida. . .

Se as homenagens aos mortos sempre foram para a glória
[dos vivos

Mortos: pasto da fama, fome dos \grave{a} heróis? sobreviventes:
– O morto é um troféu, uma medalha, uma cruz prateada
No peito de um vivo.

Onde estão os mortos? perguntam os passageiros,
Se a morte é vivida. . .

O trem vai longe das últimas saudades,
Nas covas rasas, nos mausoléus dos cemteros endormidas;
Não se ouve mais o som do sino nas igrejas,
Nem nas fábricas se ouve mais o som da sirene,
Nem, de nenhum clarim, se houve o som nos quartéis.

Mas, trazida nas ondas curtas que atravessam a atmosfera
Soa no interior do trem a última voz da terra,
Vinda de um ponto indeterminado, indeciso l embaixo
– E era um poema assim:

“Há ainda um som no ar
E a sua serpente ondula, se estende
Anunciando
A morte de nossas almas,
A putrefação da pátria.

“Na sala deserta, os olhos, pela noite fechados,
Ainda vêem, na toalha da mesa, a mancha de vinho
E, na mesa de jogo, a marca de sangue.

“Os ramos de todas as árvores
Agitados, convulsos, revoltos
Denunciaram o assassino. . .”

V

O trem transpõe, travessa, vencendo a barreira do som.
Tudo agora é silêncio (ruído branco?)
Não corre mais, nem voa; nem vacila ou flutua;
Firma-se, geometriza-se na geodésica do mundo,
No seu orientar-se pelo eixo do tempo.

Do vértice da luz vai para o futuro aberto em cone,
e deixa em cone o passado fechado em sombra.

Por toda parte, e externo, e entorno domina o alhures
e dentro deste, em morte, a região de nenhures.

Pais de Nenhures: o Inferno!

O trem vai sempre bem perto do inferno, dele sempre junto
[e separado.

Dentro do trem os passageiros meditam, supõem

O que era e o quem seria

O qual é e o quem fora

O quem foi e o que era

Nos intervalos do tempo que não se exprimem em palavras

Tudo se passa como se fosse:

– É o “faz de conta” dos brinquedos infantis

É o fosse de conta, o faz que passa

O passa e conta, o faz ou fosse

Todo o universo é um só brinquedo de criança:

Entretidos com ele os sábios morrem, cansados de brincar.

Bem perto, passou, de repente, um fragmento de tempo:

Um fragmento de pretérito perfeito.

$$\begin{array}{|c|c|c|c|c|c|} \hline \rightarrow & + & - & \pm & \phi & \\ \hline 0 & 0 & 0 & 0 & 0 & \\ \hline \end{array} \left| \frac{1}{\infty} \right| \frac{1}{n} \left(n \rightarrow \infty \right) \left| 0,00000 \dots 1 \right|$$
$$\left| 0.00 \right| \left| 0.0_{10} - 7 \right| \left| -0_{10} 4 \right| \dots \left| 0.0 \right| \dots \left| \downarrow \uparrow \right| \left| \downarrow \uparrow \downarrow \uparrow \right| \dots$$

Nas vidraças do trem batem todos estes signos

Numa tempestade de zeros!

Na sua voracidade de guardar as cousas que se somam

E de anular as que se multiplicam.

Agora, de novo, os vidros estremecem

A um cataclismo de unidades:

$$\begin{array}{|c|c|c|c|c|c|c|c|c|} \hline 1 & -1 & 1,i & 1,i,j,k & 1,i,j,k,l,m,n,p & 010, 100, 001 & & & & \\ \hline 0001, 0010, 0100, 1000 & \dots & 10 & 100 & 1000 & & & & & \\ \hline & & 01 & 010 & 0100 & & & & & \dots \\ \hline & & & 001 & 0010 & & & & & \\ \hline & & & & 0001 & & & & & \\ \hline \end{array}$$

Na sua atividade de conservar as cousas que se multiplicam

E de inverter as que as dividem.



O que soma, o que anula, o que multiplica
O que inverte, o que corresponde, o que transita
O que se perverte, o que se prolonga, o que se destrói
São rajadas vindas ainda do chão limitado e raso
Da consciência dos homens.

O trem passa, e se mantém impassível. . .
Gravita, permanece numa linha extremal do mundo,
Na geodésica de um pseudo-espço de \int Finsler?

Os passageiros sorriem:

Das coisas que ficam elas próprias ou se transformam
Das coisas que se anulam ou se multiplicam

Das que se aparecem e se escondem $\left(\begin{array}{c} \text{ações} \\ \text{massas} \\ \text{forças} \\ \text{energias} \end{array} \right)$ ocultas

Os passageiros perderam a noção do Zero e do Um
(Do caos e da criação)

Assistindo pela última vez esse brinquedo de esconder
Esse *Jeu de Marelles* saltando num só pé entre dois infernos.

O trem transforma a muralha do som.
transpõe

Tudo agora é silêncio. \int Que silêncio? O que está no limiar
[dos ouvidos humanos

Silêncio margem de um mar de som

Silêncio onde vibram ruídos inaudíveis

Harmonia que está no interno, no profundo reino dos ruídos
[de fundo do silêncio.

Formando a música perene

Que ^{sona}ressona no interior do trem de cápsulas jungidas
(Cada vez mais fundidas)

Música que claramente estão ouvindo os passageiros

Do último trem $\begin{array}{c} \circ \\ \Delta \\ \nabla \\ 1 \end{array} \left| \begin{array}{c} \circ \\ S \\ C \\ \infty \end{array} \right.$ ao céu;

Do trem que era o trem e o último era.

VI

O trem transita, transfoge a muralha do calor

E a luz se torna fria, infra-fria

No seu ir ^{multivário}linear para o céu

Na posição do seu arco de curva, em cada ponto vai imóvel

Na geometria dos sólidos de luz gelada;

Tramas de ausências, prismas de vazios,

Grades de fótons em malhas muito largas

Que agora se apertam, se reagem, coagem

O último trem ^{mareando}rumando ao céu.

O ar é frio, o fogo é sólido, de gelo;

Mas se ouve um *vozear* de chama ao longe. . .

Percebe-se que as línguas das chamas

Falam, flamam uma linguagem universal

Até então imperceptível aos seres terreaux;

O silêncio da vida dos homens passou,

Agora começa o rumor da sua morte.

Os passageiros do trem não sentem
Os vértices dos prismas de frio sua pele marcando
Pois se armaram numa primeira desintegração;
Frio de uma fase desconhecida, frio-matéria.
Nas suas consciências não mais existem
Nem os arabescos, nem os labirintos,
Nem verbalismos, nem filosofemas;
Das suas palavras se evaporaram
Os núcleos com que se faziam os erros
E as *sentenças não verdadeiras*
Delas ficando apenas a atmosfera o halo
E rimavam naturalmente fúlgido com aligido
abstrusa, absconsa frialdade

O frio que pesa não é mais um número
Na escala do calor.

O frio ^{de} _{in} finitivo, certo, preciso
Frio sem mantos que o absorvam
Sem energias que o destruam
Ou invólucros que o limitem.
Frio da fuga do que teria sido quente
Não o frio de uma perda, de uma queda:
– Vôo oriundo do cair das asas –
Não o frio interior ao corpo – frio de maleitas –
Nem frio do medo, do espanto, da agonia, da angústia. . .
Não o frio da morte, o último, mas o da vida antepimeira
– Bater de dentes! no ritmo do bater de dentes
Uma dança louca de formas regeladas.

↓
√2

↓
Campo méxico

Etc. Etc.

Poeira de ausências e lembranças: poeira do tempo-matéria.

É desse pó luminoso, manto luzente de corpúsculos
crepúsculos

Que são feitas as ondas e as partículas

Num torvelinho de moídos corpos simples:

– Farinha de energias finíssimas e raras –
Selênio, Rubídio, Colúmbio, Germânio,
Samário, Rutênio, Paládio, Lutécio

– Um manto tecido de belas palavras.

Matéria! fascinante matéria!

Poliedro de mil faces, fazendo-se, se refazendo

E a angústia do mundo nele sufocada.

O trem se encontra envolto nas névoas

Dos cintos de Allen – o visível se contrai –

– Névoa que da terra é mortalha –

Difusão agitada pelo vento solar,

Atmosfera de minúsculos, origem

Da unidade da matéria/em conflito

Em busca das suas transmutações eternas

À procura de ser o que é vário e variável

De ser o que é, e de ser sem poder.

Nuvem, nuvem nos abismos atômicos

Crivo: volume penetrado de furos, esponja radioativa.

Mércurio da matéria unitária – *Heraclítico fogo*,

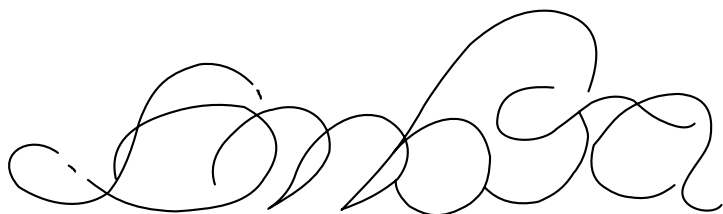
Nuvem do fogo, substância subexistente.

Aurora boreal que a terra envolve, emoldura
A paisagem total de toda a vida terrestre.
Ouvem-se através das vidraças o rumor do sopro solar
E a tempestade que ruga atirada, lançada do Oeste.

Dos cinturões de Allen uma sugestão se ergue:
Na memória das pessoas que vão no trem fugindo:
Longe, muito longe demais, mais do que demais
Brilha na solidão uma claridade-pensamento:
Sobre as águas de um encrespado azul,
Do azul de um lago,
Uma vela isolada
Enfunada pelo sopro leve
De um vento doce e leal.

VIII

Perdendo o Som, insentindo o Calor,
A travessia continua para deixar a luz;
Surdez, frialdade, escuridão, cegueira.
Além da luz, além da última energia:
Rio de inúmeras nascentes ^{enchentes}
^{crescentes}
Pedra última, o mais denso dos graves;
Espaço dos erros, pedra absoluta,
Rocha sem fim como um plasma profundamente inerte;
Cegueira do medo, surdez da verdade,
Aqui estão e sub-estão a substância de todas as sombras:
Sombra, ^{sombra} < *sombra* e Sombra >
Sombra dos átomos, sombra dos astros
Sombra dos homens, das plantas, | dos animais
Sombra do frio, sombra da noite, | dos rochedos
Sombra-negar, sombra-não existir,
Sombra-perder, sombra-calar.



Sombra do que se pergunta
Sombra do que se não sabe.

Sombra-Apagado da ^{im} Plosão primeira
_{ex}
Agora em derrames de lavas de hidrogênio.
Atmosfera do Universo todo, que os passageiros
Estão vendo de fora, pela primeira vez,
E observam que ele nunca teve antes e não terá depois.

No negro, na negritude, na negridade, na negrura
_{magn} _{igual} _{alt}
Na sombra, na sombridão, no sombrimento, na sombrança
_{sol} _{compr} _{semelh}
Em que vai o trem. Vai?: Fica na geodésica do espaço.
Não se pode saber e não saber.
Aqui está plantado o corpo do Indecidível!

Na infância dessa treva
Na mocidade dessa morte perdura um espaço-noite em vão.
Pórtico sombrio: aberto/fechado, abstrato/concreto,
[elemento/complemento,
Para além dos *pulsars*, dos *quasars*, para o *depois* das galáxias.
Mas se sabe e se compreende que o Universo
“É assim porque foi feito assim” } *Edington*
“É assim porque foi feito de qualquer maneira”
E ainda é assim porque não foi feito de maneira nenhuma.

O que está depois da luz, o que está no Apagado
– Simples casulo em que se fecha a luz materna e branca –
Não é o nada, pois o que está depois reflui sobre o depois,
Em si mesmo se efetua e realiza.

Não existe fim no universo – espaço ilimitado de depois /s –
O fim é o mesmo fim que se volta em sobre-fim.

O Nada para o universo é uma seqüência de nadas

Até o anulamento último e primeiro

O trem ultrapassa a velocidade da luz
Deixa de ser um objeto do universo.

O trem e os seus passageiros

Romperam os vínculos da inércia

Rasgaram as cortinas da gravitação

Suas formas ponderáveis recuaram para os seus contornos

Para as nébulas mais leves das origens.

(Que se chore de amor sobre o corpo da impulsão-energia)

No entanto ainda um relâmpago

Último e longínquo; muito, mais muito, muito mais,

Muito de além-passado –

Um relâmpago-meteoro que rompesse todo o universo e viesse

Da terra multidistante, onde a luz era branca;

E o branco muito branco era azul,

O preto muito preto era vermelho,

E o verde, sem querer, se fez o mar.

IX

O último trem da Terra chega à região dos mortos.
Uma sonorização extinta penetra pelos ouvidos surdos
– Vibração sem música da treva inteira.

Composição de todas as fases e frequências
De ondas que, invertidas, se desenham no Mundo
Nas mais súbitas e inesperadas imagens de Lissajous.

– É a sombra soprando nos tubos magnéticos
Que o universo abrangem.
– Som de cordas ligadas a móveis suportes,
a suportes incertos. . .
Fricções, raspagens, torções, percussões, ponteios, pulsações.

Fuscos } reflexos sônicos de cordas infirmes
Fantásticos }

Fricções de arcos em violinos de ausentes cravelhas
Dedilhados sobre fios soltos. . . em vôo.

Entramos no Extremo do *aqui e agora*
Estamos no não “*do não ser*” e no *não ser*;
Do agora e além da expansão de Tudo.
E a expansão no vazio reflui, reverte sobre si mesma
Se volta, se faz avessa;
Sua sombra é sua luz.

O trem penetra num espaço de curvatura nula,
Interminavelmente nula.
Espaço fibrado sobre uma variedade curvi-pluri-universal.
– Região dos Mortos –

– E ouviram o que era possível de rezar
(dentro da nuvem escura)

*A voz de Maria Caetana,
A que foi professora em Bolonha;
A que descobriu a Cúbica da Agnesi;
E professou depois no convento das Celestes.
A voz de Maria Caetana! Rezando?*

O trem fugia, fugia através da região do esquecimento.
Os passageiros viram o que era parecer de ver

*No pólen da Nuvem Negra
A figura aparecer de Adolf Hitler
E no claro pólen da Nuvem Branca
Em hábito de monja a Judia: Edith Stein
Consultando seus cadernos de filosofia.*

*Na nuvem escura, vocalises do soprano Galli-Curci
Cantando a Ária da Loucura.
– Somente ouvida na nuvem clara.*

*Nas gotas da nuvem escura – Jesus de Nazaré
Nas gotas da nuvem clara – Maria Madalena
Sem poder tocá-lo.*

*Nos pontos negros da nuvem prefigura-se Mahatma Gandhi
E as cabrinhas que lhe deram o saboroso leite;
Nas gotas da clara nuvem, os homens
Que ele não pôde impedir de morrerem famintos.*

Os passageiros do trem viram tudo que era de ouvir,
Tudo que era de refletir de ver,
Todo o perceber que vem do ver,
Todo o conhecer do sentir de ouvir.

X

Pois tudo que é vivido é apenas sabido

E tudo que é sabido é apenas sonhado

Saber do saber físico

Sonho do sonhar eterno

– Termo da vida-matéria; região dos sonhos.

Sonho

Sonho do sonho

Sonho do sonho do sonho

..... (Tudo é sonhado)

S O O • • • •
S S O O • • •
S S S O O • •
S S S S O • •
• • • • • • •

Matriz infinita do sonho

S S O O O • •
S S S O O • •
O S S S O • •
O O S S S • •
• • • • • • •

Continuante infinito do sonho

Viver é saber, sentir, sonhar.
Sonho: Gás da Razão fictícia.
Razão, simples registro da memória dos homens
Que não se perderá no Universo
Pois nunca foi conhecida,
E dela nada se sabe entre as estrelas.

Se o trem partisse mais cedo;
Se fosse outra a locomotiva escolhida
e revelada;
Se passasse ao longo de outros quintais;
Se outros passageiros conduzisse.
Se o trem partisse de madrugada,
Se passasse, ao amanhecer, pelos mesmos subúrbios
Assistindo o acordar do povoado;
Ou com o sol e o azul do meio-dia;
Sentisse a monotonia do entre-tarde e manhã.
Para qualquer dessas condições
Outros seriam os pontos-acontecimentos
De sua viagem.
Seriam outros o sonho e o sonho do sonho.
Outra a visão do, *ao céu chegando*,
último Trem.

lua lenda sobre perene
turvo sonho canto macio
ouro luto aberta nuvem
fecunda longe ríspido cantar
rara terra sofre indefinida
coro rio azul lâmpada bigorna
figos cloro seres densidade

} motivo fonético

Quase totalmente apagado
Totalmente no adormecido do apagado
O trem transurge da região do sonho
Opaco } reduzido quase a um ponto-superfície
Turvo } um ponto supérfluo

E diminui de tamanho, diminui, se condensa
Ao estado super-nuclear; diminui, minidui, nuidimi.

O trem e o seu passageiro são agora uma célula
Semelhante à que esteve no ventre materno:
Ao céu findando, chegando, nascendo.
Vendo a primeira luz,
Ouvindo a primeira voz;
Sonhando o sonho simples da primeira alegria
Dentro do primeiro sono.

E continua e diminua, diminui, infradiminui
E a reduzir-se, a durrezir-se, a zirredur-se. . .
O trem chegou além da região do sonho
Totalmente *apagada*, passou,
Como uma partícula neutra,
Numa câmara de névoas.

XI

Enfim como uma partícula neutra,
Um simples ponto: menos do que o corte de duas retas
Um simples ponto sem a sua reversão
sem a sua inflexão
sem a sua vizinhança.

– os que estavam na estação,
quando o trem partiu –
e que se fizeram mim mesmo

Eterno ponto de cada um.

O trem caiu sobre uma superfície suprema
E nela se integrou no *para-sempre*
Caiu num corpo de substâncias infinitas:

Um Toro, um Anel, um Elo de corrente
Uma Aldrava, uma Argola, uma Algema
Um toro cortado, torcido e recomposto
Num campo de direções sem módulos
sem fronteiras
sem sentidos

Representante de todos os números:
Os que são, e os que poderão/poderiam ser.
– E no âmago desse espaço, último e total
Sem métrica e metria, sem ordem física,
Sem orientação e sem origem;
– No centro dos centros, do anúncio de todos os possíveis,
Erguido em Glória, em Majestade, em Grandeza,
O Acontecimento Branco.
Divino? Eterno.

Rio, 1970